



**HIGHAM, Nicholas & RYAN, Martin. *The Anglo-Saxon World*.
New Haven: Yale University Press, 2013, 477 p.**

Elton O. S. MEDEIROS¹

ENVIADO: 07.10. 2013

ACEITO: 15.10.2013

O campo de estudos a respeito da Inglaterra do período anglo-saxônico (séculos V-XI) possui uma longa trajetória em países de língua inglesa e na Europa continental (e.g. Alemanha, França, Itália e países escandinavos), e mais próximo à atualidade em países como o Japão. Dentro dessa tradição de estudos – cujas raízes podemos remontar até o século XVI (ou num quadro ainda mais abrangente, até aos historiadores anglo-normandos, como William de Malmesbury) – temos obras de destaque e que são fundamentais para o pesquisador de forma geral.

Restringindo-nos às obras a partir do século XIX (quando os estudos anglo-saxônicos se tornaram “oficialmente” um campo científico de pesquisa acadêmica) até o presente, existem aquelas que são essenciais a todo aquele que toma contato com a temática. De caráter mais abrangente, verdadeiros manuais sobre o tema e que se tornaram referências obrigatórias e imprescindíveis tanto ao estudante de graduação quanto ao pesquisador de nível superior. Dentre algumas das principais podemos citar *Anglo-Saxon England* (1943) de Sir Frank Stenton; *The Beginnings of English Society* (1952), de Dorothy Whitelock; *An Introduction to Anglo-Saxon England* (1956), de Peter Hunter Blair; e *The Anglo-Saxons* (1991), organizada por James Campbell e que

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). *Visiting Research Fellow* da University of Winchester, Reino Unido (bolsista da CAPES – Pós-Doutorado). Membro do *Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medievo* (NEIBRAM). E-mail: eosmedeiros@hotmail.com.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

até então figurava como a obra introdutória mais moderna, complementando o consagrado trabalho de Stenton com abordagens mais atualizadas.

Contudo, o verão europeu de 2013 trouxe uma novidade para os interessandos e pesquisadores na área. Certamente não por mera coincidência, um mês antes da realização da 16ª conferência bienal da *International Society of Anglo-Saxonists*² foi lançado o livro de Nicholas Higham e Martin Ryan: *The Anglo-Saxon World*. Título que também não foi uma escolha trivial de palavras, como deixam claro os autores logo no início da obra. O uso da expressão “O Mundo Anglo-Saxão” (numa tradução livre) teria conotações muito maiores e importantes do que uma simples referência terminológica tradicional à este campo historiográfico.

Na verdade, o termo em si poderia ser considerado um objeto de estudo dentro do leque de possibilidades que a área nos oferece. Contudo, os autores iniciam o livro com um questionamento talvez ainda mais intrigante e no qual o uso de tal terminologia está inserido: para quê ou por quê estudar os anglo-saxões em nosso presente? Segundo os autores:

Given all that, do the Anglo-Saxons still have relevance? Do they really matter? A little surprisingly, perhaps, there are many indications that they do. In important ways, the Anglo-Saxons were the first English; they gave their name to England (ultimately, ‘land of the Angles’), and the adjective ‘Anglo-Saxon’ is used today to describe a vast array of cultural phenomena, ethnic markers and character traits believed to be particular to Britain, the United States and other parts of the English-speaking world (...) Beginnings matter.³

A partir deste problema sobre a relevância do tema, Higham e Ryan iniciam de fato a introdução de sua obra. Um início no mínimo primoroso. Pode-se dizer com certeza que apenas pela introdução do *The Anglo-Saxon World* já valeria a pena adquiri-lo e lê-lo. O que os autores chamam de introdução é na verdade um artigo que remonta toda a história dos estudos anglo-saxônicos e sua importância em relação à contemporaneidade, focado principalmente com o presente do Reino Unido e dos Estados Unidos. Abordando a forma como esse passado histórico foi absorvido através dos séculos e como ele foi

² Organizada em Dublin pela University College Dublin e o Trinity College Dublin, entre os dias 29 de julho e 2 de agosto de 2013.

³ HIGHAM & RYAN, p. 1-2.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

também moldado de forma a atender necessidades sócio-políticas e religiosas de cada momento em específico.

Para se ter uma ideia, é tratado sobre como surgem os primeiros estudos a respeito do passado anglo-saxônico nos séculos XI e XII como veículo para a legitimação política da presença normanda na Inglaterra e em paralelo o desenvolvimento e a ascensão do mito da origem troiana e da figura do rei Artur. O que mais tarde virá a eclipsar durante quase toda a Baixa Idade Média a origem anglo-saxônica da região e da população, relegando-a ao que seria uma era de trevas e barbárie; oposta aos tempos heroicos e fantásticos de obras como a *Historia Regum Brittonum* de Geoffrey de Monmouth.

Ainda na introdução, é tratada da importância que os reformistas do século XVI tiveram ao resgatar esse velho mundo dos anglo-saxões (também com fins legitimatórios) por parte dos anglicanos, mas dessa vez não com finalidades políticas e sim religiosas: a busca pela verdadeira fé cristã da Inglaterra – segundo eles – anterior “à corrupção e deterioração que tomou conta da Igreja de Roma”. E mais tarde como, já no século XIX, esse mesmo passado é utilizado tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos na busca de uma nova pureza. Desta vez não religiosa, mas política: a originalidade e as raízes democráticas do antigo sistema tribal anglo-saxônico (oposto à suposta opressão e tirania normanda).

Tendo como um dos grandes defensores desse ideal Thomas Jefferson, que ansiava por colocar no selo nacional norte-americano as imagens de Hengest e Horsa, simbolicamente como os “pais fundadores” políticos da nova nação.

Além disso, também são abordadas as apropriações étnicas dentro das teorias raciais de finais do século XIX e primeira metade do XX e como elas caem por terra no âmbito acadêmico, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Assim como a constituição dos estudos anglo-saxônicos como campo acadêmico em meados dos oitocentos. Entretanto, é clara a ausência nesta introdução da importância que os escandinavos do século XIX tiveram nos primórdios de tais estudos sobre a Inglaterra anglo-saxônica. Trabalhos principalmente no campo da filologia que influenciaram em muito os trabalhos de pesquisadores ingleses a partir da década de 1830. Fato que não é abordado pelos autores e que de certa forma é um “tabu” dentro da academia britânica.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Por fim, essa parte introdutória acaba por tratar acerca do panorama geral dos estudos anglo-saxônicos na atualidade e a importância de outras disciplinas (como a paleobotânica, para darmos um exemplo mais diferenciado) ao contribuir de forma substancial para o avanço das pesquisas na área, complementando enormemente os estudos históricos e literários e indo ainda mais além.

Fica claro, através das próprias palavras dos autores⁴, que a introdução do livro foi construída de forma a fornecer o maior número de informações possíveis ao leitor – principalmente o leigo – sobre o mundo em que viveram os anglo-saxões, quem foram e a tradição de estudos sobre eles. E concluem oferecendo o restante do livro àqueles que desejam um contato mais aprofundado com os temas que envolvem a área.

Como já mencionado, uma das principais características do livro é o fato dos autores a todo momento estarem dialogando com outras áreas além da História e (principalmente) com o presente e contemporaneidade, em especial dos países de língua inglesa. Demonstrando assim um verdadeiro elo de ligação com este passado e as raízes modernas dessas sociedades anglo-saxônicas.

Isso acaba por se refletir na estrutura da obra. O livro, diferentemente de seus antecessores, não segue o padrão clássico de manual ou se apega exclusivamente a um molde temático – como nas obras de Stenton ou Joseph Campbell, por exemplo – mas ainda assim ele lida com tais modelos, aplicando-os dentro de uma dinâmica que tenta demonstrar o desenvolvimento histórico (no campo cultural, religioso, político e etc.) da Inglaterra anglo-saxônica.

Ao invés de capítulos temáticos comuns como “Sociedade”, “Religião”, “Literatura”, entre outros, os autores mantêm tais elementos inseridos dentro de uma seleção cronológica e dialogando entre si ao longo de todo o livro no intuito de demonstrar uma continuidade no mundo anglo-saxônico desde seus primórdios até o surgimento do reino inglês propriamente dito e até a iminência da invasão normanda. O que pode ser visto mais claramente através da organização do índice de seus oito capítulos:

⁴ HIGHAM & RYAN, p. 19.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

- 1) *Britain in and out of the Roman Empire* (p. 20-69).
- 2) *The Origins of England* (p. 70-125).
- 3) *From Tribal Chieftains to Christian Kings* (p. 126-178).
- 4) *The Mercian Supremacies* (p. 179-231).
- 5) *The Anglo-Saxons and the Vikings, c. 825–900* (p. 232-283).
- 6) *Conquest, Reform and the Making of England* (p. 284-334).
- 7) *The Age of Æthelred* (p. 335-386).
- 8) *The Transformation of Anglo-Saxon England* (p. 387-442).

Nos quatro primeiros capítulos há uma abordagem muito bem detalhada e lúcida sobre o fim do período romano nas Ilhas Britânicas, a importância dessa *romanitas* nos anos que precedem a chegada dos anglos e saxões, e tudo isso balizado por abordagens arqueológicas recentes. O que auxilia muito para a elucidação de certas questões desse período nebuloso da história a cerca do relacionamento entre os bretões (ou romano-bretões) e os invasores germânicos. Nos levando a pensar – particularmente falando – que, ao contrário do que é propagado por alguns teóricos, tal contato não se deu de forma tão fácil. Não houve uma assimilação pura e simples da população bretã por parte dos anglo-saxões; assim como também não teria ocorrido um tipo de “*apartheid* anglo-saxão” contra a população nativa.

Ao mesmo tempo, a formação dos reinos anglos e saxônicos e o processo de cristianização é apresentado de forma clara e objetiva, demonstrando ao leitor como isso foi importante, servindo de alicerce para se chegar ao período do tempos do Venerável Beda e mais tarde o período hegemônico do reino de Mercia.

O quinto capítulo do livro de Higham e Ryan é um ponto de destaque na obra e na proposta dos autores. Este capítulo se diferencia primeiramente pelo fato de não cair na mesmice de um típico “Alfred o Grande e os vikings”, e também por permitir uma visão mais ampla do impacto das invasões ao mostrar como esse cenário anglo-saxônico é alterado para sempre com a presença escandinava na Inglaterra; abordando a importância dos vikings não apenas como “o outro”, mas também como mais tarde os escandinavos se tornam um elemento fundamental para a formação do futuro cenário socio-político inglês.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Enquanto os primeiros capítulos abordam a formação do mundo anglo-saxônico e o quinto como esse mundo é alterado drasticamente, os três últimos abordam o resultado dessas mudanças. Demonstrando as consequências da reestruturação dessa sociedade, dando origem ao reino da Inglaterra e à subsequente crise durante os tempos do rei Æthelred e o fim do período anglo-saxônico. Sem se focar excessivamente em apenas uma figura histórica (como o rei Alfred, Edward, Athelstan ou Edgar), mas em todo o processo que ocorre na Inglaterra da época. Podemos dizer que o livro ao invés de sustentar em personagens históricas ao longo de sua explanação – como é muito comum ocorrer – ele se baseia em apenas uma “personagem”: o mundo dos anglo-saxões.

Além desse formato para abordar os temas que envolvem o período, talvez o maior diferencial do *The Anglo-Saxon World* esteja em seus subcapítulos. Cada um dos oito capítulos principais possui ensaios/subcapítulos, totalizando um número de dezesseis, onde é retomado brevemente os assuntos do capítulo ao qual eles se relacionam para introduzir fontes escritas e materiais citadas e outras que podem ser úteis para o estudo dos temas abordados de uma forma mais aprofundada.

Nesses ensaios o estilo adotado pelos autores na elaboração dos capítulos principais ganha ainda mais força, pois tomam maior liberdade para abordar mais a fundo temas como a questão da recepção histórica dos temas e até mesmo um pouco de “meta-história” voltada a fontes específicas, como o poema *Beowulf* ou a *Crônica Anglo-Saxônica*. Oferecendo algumas possibilidades e respostas a certos pontos mais polêmicos do período envolvendo as fontes e que ainda se mantém sem evidências concretas. Deixando tais assuntos em aberto, buscando fomentar o debate e não necessariamente solucioná-lo.

Outro ponto de destaque são as ilustrações. Com em torno de 300 imagens coloridas (todas praticamente inéditas e concebidas exclusivamente para a obra) o livro é uma belíssima publicação e um excelente material iconográfico. Algo extremamente incomum em publicações dessa natureza, crédito que deve ser dado aos editores e seu empenho de investir numa produção desse porte.

Entretanto, ainda que seja detentor de todos esses méritos, o livro possui limitações, afinal – mesmo seguindo um modelo diferente do habitual – não



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

deixa de ser também um manual, sendo impossível abordar profundamente certos assuntos. Outro ponto que pesa contra a obra é o fato de que há momentos onde o linguajar do texto se torna excessivamente rebuscado (o que pode levar o leitor a buscar ajuda constante de um dicionário, mesmo para aqueles fluentes na língua inglesa).⁵

Contudo, produzir uma síntese de um assunto tão amplo e rico não é uma tarefa fácil. Principalmente quando o objetivo não é elaborar uma explanação histórica que seja tão abrangente e “acessível” que o texto acabe se perdendo em meio a generalizações banais. Pelo contrário, o debate que a obra traz é extremamente rico pela quantidade de referências citadas e ao dar um “ar revigorante” ao assunto. Deixando claro por parte dos autores que eles estão escrevendo sobre um assunto sério e que no mínimo merece maior atenção.

O livro de Higham e Ryan também vem em boa hora e principalmente para os pesquisadores brasileiros, uma vez que agora o país começa a se voltar com maior atenção para a temática anglo-saxônica e inicia com um número significativo de pesquisas – frente à total inexistência de trabalhos no passado – em nível de pós-graduação.⁶ Mas que ainda assim, até o presente momento, se encontra absolutamente carente de um texto atualizado, de um trabalho de conjunto de grande fôlego feito por verdadeiros especialistas na área.

Por fim, retomando a pergunta inicial – sobre o por quê ou para que estudar os anglo-saxões? – esta acaba por ser respondida primorosamente e em definitivo ao final da leitura da obra. Ao tomarmos contato com tamanha riqueza de detalhes e informações.

⁵ Outro ponto negativo do livro é sobre o sitio arqueológico de Staffordshire Hoard, descoberto em 2009. Provavelmente questões envolvendo cronogramas e prazos para a organização e publicação de um livro dessa magnitude acabaram prejudicando a inserção das informações sobre as pesquisas mais recentes sobre Staffordshire Hoard, realizadas entre 2011 e 2012. Talvez isso possa ser solucionado numa segunda edição. Contudo, ainda assim, o que se encontra na atual edição é absolutamente fascinante.

⁶ Atualmente podemos contar com ao menos um total de cerca de sete trabalhos no país, entre teses e dissertações concluídas e em andamento (número baseado, principalmente, em dados de instituições brasileiras de ensino superior como a USP, UNESP e UFRJ, por exemplo).